



nara roesler

elian almeida
antes – agora – o que há de vir
curadoria de luis pérez-oramas

nara roesler rio de janeiro
1º de setembro – 23 de outubro, 2021

Nara Roesler Rio de Janeiro tem o prazer de apresentar *Antes – agora – o que há de vir**, primeira exposição individual do artista carioca Elian Almeida. Com curadoria de Luis Pérez-Oramas, a mostra traz ao público os mais recentes desdobramentos de sua já icônica série *Vogue*.

agende sua visita

*o título da exposição foi extraído do poema
Eu-mulher, de Conceição Evaristo

capa *Dona Ester – Irmandade da Boa Morte (Vogue Brasil)*, 2021 [detalhe]
fotos Pat Kilgore

elian almeida: antes – agora – o que há de vir

Luis Pérez-Oramas

Antes

Elian Almeida nasceu e cresceu na beira do mar, próximo a um porto na periferia do Rio de Janeiro. Ao longo dos anos, tornando-se interessado em questionar os processos de ocultação da memória afro-brasileira no seio da cultura coletiva – e do protagonismo social – no Brasil, Almeida chegou à conclusão de que um acontecimento dramaticamente estrutural para os temas que constituem o cerne de sua pesquisa também havia ocorrido naquele cais em Duque de Caxias: nesses portos, entre outros, chegaram ao Brasil, inúmeros homens e mulheres de origem africana que foram submetidos à escravidão e que constituem, desde então, a matriz da comunidade afro-brasileira.

Agora

O agora se alimenta da hora que, fugaz, faz o presente, antes de se desvanecer no que permanece como antes, como anterior, como passado.

Mas há uma anterioridade indeterminada na experiência da temporalidade, um tempo anterior que não podemos definir e que é, talvez, o fluxo que nunca cessa de fluir daquilo que antes foi, reemergindo espectralmente, como um fantasma, como uma fantasmagoria do passado no agora.

Nossas línguas modernas foram cortadas desse tempo verbal que os gregos antigos chamavam de *a-oristos*.

Uma frase de Pascal Quignard resume esse possível retorno, a potencialidade do que pode reaparecer daquela anterioridade indeterminada: 'O que esquecemos, não nos esquece'.

O agora pode continuar como esquecimento ou pode se abrir para *o que há de vir*.

A obra de Elian Almeida – principalmente a série Vogue, que constitui o corpo desta exposição – enfatiza, através de retratos singulares, o retorno do que foi ocultado, e não apenas esquecido: a pintura que acende o apagado, retratação do que foi velado.

Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Dona Ester, Esperança Garcia, Lélia Gonzalez, Mãe Beata de Iemanjá, Luísa Mahin, Maria Firmina dos Reis, Mercedes Baptista, Ruth de Souza, Tia Maria do Jongo da Serrinha, Tia Perciliana, representam aqui – todas elas mulheres – esse retorno, o agenciamento pictórico para uma reparação.

Como a representação se apresenta, ao mesmo tempo, transparente e opaca, cada um desses nomes oculta (e revela, ao mesmo tempo) uma pessoa, aqui retratada. E cada um desses retratos evoca a violência *necropolítica* da linguagem (e da memória) coletiva que as havia esquecido: suas presenças foram apagadas, veladas, escondidas.

Mas o que esquecemos, não nos esquece

O que esquecemos deve vir e retornar. “Tudo acontece”, eis a inscrição no papel timbrado pessoal de Edouard Manet. Tudo tem que acontecer, voltando-se sobre nós como uma onda que nos surpreende.

A obra recente de Elian Almeida contribui para operar, então, laboriosa e pacientemente, este retorno e reparação: é um ato de revelação, através de um conjunto de retratos que passam a ser produzidos como se fossem capas da revista *Vogue*: instrumento de hipervisibilidade do aparato de comunicação ocidental e branco, objeto de nascimento artificial, *à la mode, fashion*, da moda em si, de uma moda que, para revelar, oculta. Mas acima de tudo, esta revista tão reconhecível quanto famosa por sua “marca” é também – ou necessariamente tem sido – um instrumento de marcação

racial, um agente de branqueamento e um operador inevitável, em seus passados ocultos, de seu próprio racismo implícito pelas suas omissões iconográficas e até mesmo por seu *aggiornamento* redentor.

As efígies – os retratos – que compõem esta exposição devolvem-nos então algumas das protagonistas essenciais da memória (velada) da cultura afro-brasileira. Curiosamente, nenhuma delas tem, a rigor, rosto: os seus rostos ainda estão velados nas pinturas de Almeida, desta vez pela evidência pictórica da sua condição racial: a sua cor. Essas efígies, esses retratos são, portanto, *imago* estritamente falando, aquilo que os antigos romanos chamavam de retratos votivos, efígies de ausentes, imagens de parentes falecidos. São, pois, os retratos que Elian Almeida nos apresenta, a rigor, imagens fúnebres, *necro-retratos*, emergentes: nos olham, sem olhos, a partir do seu esconderijo, e de lá retornam à certeza melancólica de que o que não nos esquece não pode, por sua vez, voltar plenamente, na plenitude da presença da qual foi amputado.

Na sua prodigiosa *sprezzatura* – na difícil facilidade da sua feitura luminosa, que se dá apenas em aparência superficial – os retratos de Elian Almeida parecem saber que o suporte que ironicamente imitam e onde jazem já sem vida, como qualquer retrato – a revista de moda branca, *Vogue* –, também fez parte do véu que os ocultou, cúmplice do impulso violento que os exilou de nossa presença e do presente. Talvez por isso Almeida também faça questão de velar o esmalte, em esconder as capas da revista *Vogue* com camadas densas de pigmentos, com sombra de uma pele pictórica, negra, deixando-as no escuro, luminosas, por trás da geometria maciça de suas grossas pinceladas.

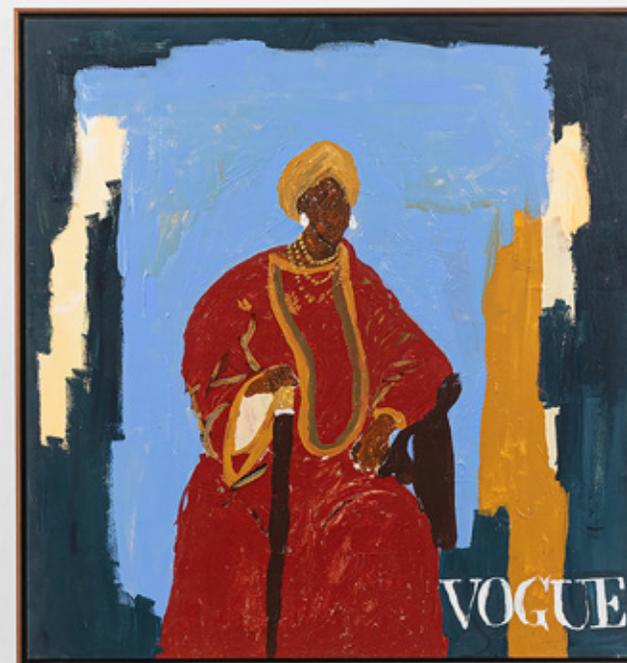
Velar o rosto e velar o véu que o velou: velar a veladura enfim, para que o que há de vir, por fim, venha em forma de memória, nome, corpo, obra.



Mãe Beata de Iyemanjá

1931–2017, Cachoeira, BA; Nova Iguaçu, RJ

A Mãe Beata de Iyemanjá é conhecida não só pela sua atuação como mãe de santo, tendo fundado o terreiro Ilê Omiojúarò em 1985, mas principalmente por sua ampla e significativa atuação política. Além de ter sido uma das grandes defensoras da introdução no sistema escolar do ensino de África e cultura afro-brasileira, Mãe Beata também participou das lutas pela diversidade cultural, batalhando pelo acesso à saúde, combatendo a discriminação de raça, gênero e sexualidade, assim como o racismo religioso. Na década de 1990, ela fundou o Instituto de Desenvolvimento Cultural de seu terreiro, voltado para a cultura e a educação. Mãe Beata também é autora e co-autora de diversos livros, principalmente voltados para a tradição das religiões afro-brasileiras.



Mãe Beata de Iyemanjá (Vogue Brasil), 2021
tinta acrílica sobre tela
104 x 100 x 4 cm



Tia Maria do Jongo

1920–2019, Rio de Janeiro, RJ

Maria de Lourdes Mendes foi uma personagem fundamental para a manutenção e expansão das tradições do jongo no Rio de Janeiro. Ela é uma das renovadoras da tradição das antigas “tias” da Praça Onze, tornando-se a patrona do jongo no Rio de Janeiro. Na década de 1990, ela atuou como difusora dessa dança de roda afro-brasileira, alcançando novas gerações de modo a manter viva a tradição dos antigos cativos. O jongo pertence ao grupo das danças de umbigada, introduzidas no Brasil pelos negros bantus, provenientes de onde hoje é o território da Angola. Animado pelo ritmo da percussão, o jongo muitas vezes apresenta canções enigmáticas que remetem às suas origens, o jinongonongo, uma espécie de jogo de adivinhação angolano.

Tia Maria do Jongo (Vogue Brasil), 2021
tinta acrílica sobre tela
94 x 109 x 4 cm



Conceição Evaristo

1946–, Belo Horizonte, MG

Doutora em Estudos Literários, Conceição Evaristo possui publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, sendo reconhecida pelo seu trabalho com homenagens em eventos e exposições. Sua versatilidade e potência despontam em sua obra ficcional, poética e ensaística. Em 2018, Conceição, com grande apoio da mídia, realizou campanha para ocupar uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras. Contudo, acabou sendo preterida em um gesto revelador das estruturas racistas e misóginas de uma instituição que, em mais de seus cem anos de existência, abrigou centenas de intelectuais e escritores, sendo apenas sete mulheres, e nenhuma delas negra. Contudo, a obra de Conceição mostrou-se mais do que suficiente para, por si só, alçá-la ao posto de imortal.



Conceição Evaristo (*Vogue Brasil*), 2021
tinta acrílica sobre tela
102 x 106 x 4 cm



Dona Ester

1907–2012, Cachoeira, BA

Estelita de Souza Santana, a dona Ester, durante anos assumiu o cargo de juíza perpétua da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, uma confraria religiosa afro-católica centenária. Surgida no início do século XIX, a irmandade é integrada por mulheres descendentes de escravizados africanos e em sua maioria idosas – entre 50 e 70 anos. Para integrar a irmandade, as mulheres precisam ter mais de 40 anos e serem ligadas a uma casa de candomblé, que pode ser da linha Ketu, Gegê ou Nagô. Dona Ester ocupava o posto mais importante da Boa Morte, por ser a mais antiga integrante do grupo. Como juíza perpétua, era a responsável por orientar as irmãs da Boa Morte na organização dos festejos e em seus rituais.



Dona Ester – Irmandade da Boa Morte (Vogue Brasil), 2021
tinta acrílica sobre tela
95 x 90 x 4 cm





Tia Perciliana (Maria Constança)

séc. XIX, Bahia; Rio de Janeiro

Perciliana Maria Constança nasceu na Bahia, mudando-se para o rio na década de 1870. Tia Perciliana, como ficou conhecida, é uma das inúmeras “tias” que agitaram a cena cultural e religiosa do centro do Rio de Janeiro, na área conhecida como Pequena África. Essas mulheres negras, em grande maioria vindas da Bahia, foram fundamentais para o estabelecimento de um senso comunitário nos lugares em que moravam e atuavam, mostrando-se verdadeiras líderes e articuladoras culturais, detentoras de um saber-fazer capaz de conectar a população com suas heranças africanas. Hoje, é reconhecida sua importância para o surgimento do samba, de tal modo que, nas escolas de samba, a “ala das baianas” é dedicada a elas.

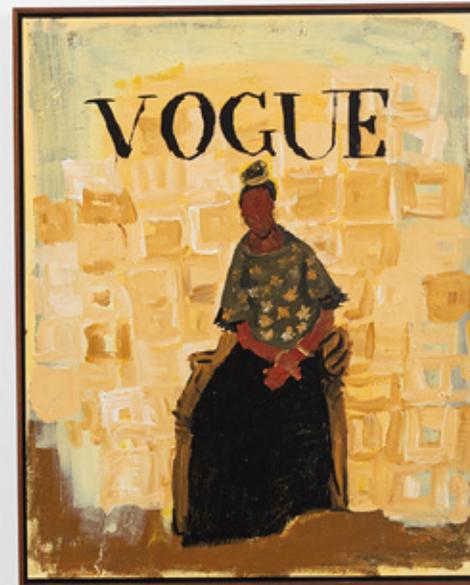
Tia Perciliana (Vogue Brasil), 2021
tinta acrílica sobre tela
106 x 75 x 4 cm



Ruth de Souza

1921–2019, Rio de Janeiro, RJ

Ruth de Souza foi uma figura fundamental para ampliar e remodelar a representação da população negra na mídia. Tendo sido a primeira brasileira a ser indicada ao prêmio de melhor atriz em um festival internacional de cinema – o Festival de Veneza de 1954 – por seu papel em *Sinhá Moça* (1953), Ruth viria a se tornar uma das grandes atrizes de sua geração. O interesse pelas artes dramáticas vem desde sua infância. Aos 24 anos, Ruth passou a integrar o Teatro Experimental do Negro (TEN) e no final dos anos 1940, recebe bolsa da fundação Rockefeller, permitindo o aprofundamento de seus estudos na Universidade de Howard, nos Estados Unidos. Retornando ao Brasil em 1948, ela tem sua estreia no cinema e na década seguinte passa a trabalhar em radionovelas e teleteatros. É na TV Globo, por sua vez, que Ruth desenvolveu grande parte de sua carreira. Nessa emissora, ela foi a primeira atriz negra a protagonizar uma telenovela: *A cabana do Pai Tomás* (1969–70).



Ruth de Souza (*Vogue Brasil*), 2021
tinta acrílica sobre tela
95 x 78 x 4 cm





Beatriz Nascimento

1942–1995, Aracaju, SE; Rio de Janeiro, RJ

Maria Beatriz Nascimento é uma das intelectuais que, na década de 1970, mostrou-se determinante para os movimentos negros contra a discriminação. Em 1974, a historiadora fundou, junto com estudantes negros, o Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR), grupo universitário que articulava produção acadêmica e atuação política, propondo reflexões e práticas no âmbito do debate racial. Beatriz, especializada nos estudos sobre a escravidão e, em especial, pelos quilombos, também atuou na educação primária e secundária, tendo sido professora da rede estadual do Rio de Janeiro. São de sua autoria inúmeros textos fundamentais sobre racismo e sobre a cultura quilombola.

Beatriz Nascimento, 2021
tinta acrílica sobre tela
121 x 101 x 4 cm



Esperança Garcia, Luisa Mahin
e Maria Firmina dos Reis (*Vogue Brasil*), 2021
tinta acrílica sobre tela
109 x 91 x 4 cm



Esperança Garcia

séc. XVIII, Piauí

Esperança Garcia entrou para a história brasileira como autora do mais antigo documento escrito por uma pessoa escravizada. O item, em si, é uma carta datada de 6 de setembro de 1770, na qual Esperança expressa suas vontades e desejos. Tal documento não só presta testemunho da realidade colonial do Brasil, mas principalmente confere espessura à subjetividade desses indivíduos que eram comercializados como objetos. Endereçada ao governador do Piauí, a epístola apresentava o desejo de Esperança de não ser separada de seus amigos e familiares, assim como narrava os castigos recebidos por suas tentativas de fuga. Além disso, ela pleiteava direitos religiosos e trabalhistas. Tal documento acabou por se tornar um monumento capaz de auxiliar pesquisadores a ampliar os pontos de vista sobre o Brasil da segunda metade do século XVIII.

Luísa Mahin

séc XIX, ?

Luísa Mahin é possivelmente um dos melhores exemplos dos apagamentos de personalidades negras pela história. Até hoje é difícil confirmar, por vestígios documentais, sua existência. As informações que chegaram sobre sua figura e atuação provêm principalmente de fontes literárias e orais, posicionando-a no limiar entre a realidade, a ficção e o mito. De origem incerta, Luísa tanto poderia ter vindo da Costa da Mina, na África, quanto da Bahia. Tendo comprado sua alforria em 1812, ela participou ativamente das revoltas e levantes de escravos naquela província, tais como a Revolta dos Malês e a Sabinada. Como consequência, foi perseguida, fugindo para o Rio de Janeiro, onde posteriormente foi encontrada e deportada para Angola. Seu suposto filho, Luís Gama, foi um importante poeta abolicionista. Alguns intelectuais acreditam que, de fato, Luísa é um alter ego do escritor. Em 2006, Ana Maria Gonçalves lançou o romance *Um defeito de cor*, narrando a trajetória dessa heroína dos seus cinco anos de idade até sua morte.

Maria Firmina dos Reis

1822–1917, São Luís e Guimarães, MA

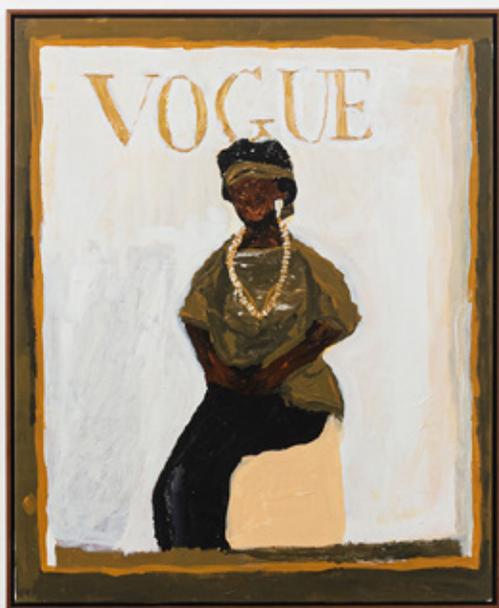
Em 1859 foi publicado *Úrsula*, romance que parece repetir a fórmula narrativa do amor impossível. Todavia, o que sobressai na trama da história é seu forte apelo político de tonalidades abolicionistas. O radicalismo da novela não está apenas em seus temas, mas também no fato de ser tomado como a primeira ficção escrita por uma mulher brasileira a ser editada no país. Sua autora é Maria Firmina dos Reis, uma professora de escolas primárias que despontaria na segunda metade do século XIX como uma assídua colaboradora da divulgação literária em sua cidade. Apesar de sua importância para a cena cultural brasileira, pouco ainda se sabe da sua vida. Acredita-se que ela manteve contato com diversas associações abolicionistas, assim como atribui-se a ela a letra e melodia do *Hino da libertação dos escravos*, que em seus versos finais dispõem: “Quebrou-se enfim a cadeia/ Da nefanda Escravidão!/ Aqueles que antes oprimias,/ Hoje terás como irmão!”





Um defeito de cor (VOGUE), 2021
tinta acrílica sobre exemplar de revista
12 peças de 28 x 21 x 5 cm





Lélia Gonzalez

1935–1994, Minas Gerais; Rio de Janeiro

Uma das maiores intelectuais da segunda metade do século XX no Brasil, Lélia Gonzalez é um dos grandes nomes do feminismo negro, realizando trabalhos que elucidavam sobre a interseccionalidade de marcadores de gênero, raça e classe nas lutas políticas. Com ampla formação acadêmica, Lélia – que cursou história, geografia e filosofia – teve expressiva atuação em instituições de ensino médio e superior no Rio de Janeiro, entre elas a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde chegou a chefiar o departamento de sociologia. Filiou-se a diversas organizações negras, atuando no debate público, o que a levou a ser candidata a deputada federal e estadual. Lélia foi uma das pioneiras e uma grande referência na formação de mulheres negras, denunciando os processos de branqueamento na sociedade brasileira.

Lélia Gonzalez (*Vogue Brasil*), 2021
tinta acrílica sobre tela
114 x 95 x 4 cm

VOGUE

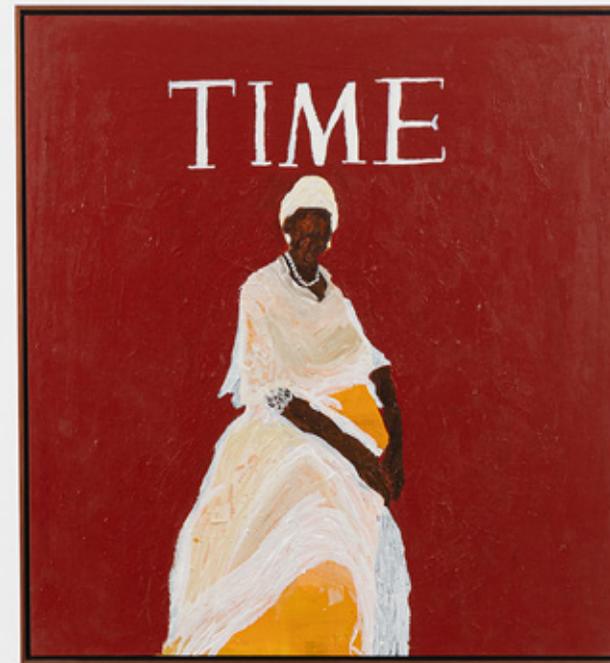


Clementina de Jesus

circa 1900–1987, Valença, RJ;

Rio de Janeiro, RJ

Uma das maiores vozes do samba, Clementina de Jesus estabeleceu, através da música, um verdadeiro elo entre o Brasil e a África. Apesar de hoje ser reconhecida a sua importância, foi apenas quando tinha mais de sessenta anos que sua carreira profissional deslanchou. Contudo, sua relação com a música, em especial com a cena do samba carioca, se dá desde a infância. Aos doze anos, ela já desfilava em blocos, posteriormente passando a ensaiar e desfilhar em escolas de samba, chegando inclusive a dirigir uma delas, a Unidos do Riachuelo. Portelense de coração, Clementina desfilou durante anos na Mangueira, escola de seu marido e do morro onde morou até o final da vida. Nesse contexto, a cantora pode entrar em contato com diversos mestres como Heitor dos Prazeres, Ismael Silva e Paulo da Portela. Clementina participou da produção de 13 LPs, entre álbuns solos e discos coletivos, entre eles *O canto dos escravos* (1982), que recupera cantigas de trabalho herdadas de africanos centrais. A cantora colaborou, ainda, com outras figuras fundamentais da cena musical brasileira, entre elas Beth Carvalho, Elizeth Cardoso, Milton Nascimento, Paulinho da Viola e Pixinguinha.



Clementina de Jesus (TIME), 2021

tinta acrílica sobre tela

100 x 90 x 4 cm

TIME



elian almeida

n. 1994, no Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Elian Almeida baseia sua prática na convergência de diferentes linguagens, como pintura, fotografia, vídeo e instalação, tornando-se expoente de uma nova geração de artistas produtores de objetos e imagens que reivindicam protagonismo para agentes e corpos usualmente marginalizados em nossa sociedade e na tradição da arte. Com uma abordagem decolonial, seu trabalho se debruça sobre a experiência e performatividade do corpo negro na sociedade contemporânea. Para isso, ele recupera elementos do passado, imagens, narrativas e personagens – oficiais e extra oficiais –, de modo a contribuir para o fortalecimento e divulgação da historiografia afro-brasileira.

Por um lado, sua pesquisa se debruça sobre biografias de personagens negras que tiveram sua importância apagada pela história, atribuindo-lhes a devida importância. Por outro, o artista volta-se para as violentas abordagens policiais de corpos racializados, revisitando as noções de privilégio, presentes na cultura e sociedade brasileira, assim como denunciando o mito da democracia racial. Em sua série *Vogue*, em que Almeida se apropria da identidade visual e da estética dessa famosa revista de moda para vincular corpos negros, vemos a convergência dessas diversas linhas de trabalho, levando-nos a questionar sobre os modos como esses sujeitos são representados e postos em circulação na cultura visual brasileira.

exposições individuais selecionadas

- *Antes – agora – o que há de vir*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)

exposições coletivas selecionadas

- *Enciclopédia negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Amanhã há de ser outro dia / Demains sera un autre jour*, Studio Iván Argote e no Espacio Temporal, Paris, França (2020)
- *Esqueleto – 70 anos de UERJ*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Arte naïf – Nenhum museu a menos*, Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Mostra memórias da resistência*, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Bela verão e Transnômade Opavivará*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Novas poéticas – Diálogos expandidos em arte contemporânea*, Museu do Futuro, Curitiba, Brasil (2016)

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art